

Sarney chega e já fala em rompimento

O ESTADO DE S. PAULO 7

Uma decisão do PMDB, "que fosse contra o programa do governo e o programa político da transição democrática, seria um rompimento", disse ontem o presidente José Sarney, ao desembarcar, às 19h30, na Base Aérea de Brasília, de sua viagem à Argentina. Depois de declarar isso, contudo, o presidente advertiu que não acredita que isso venha a ocorrer. Antes, começou dizendo que nunca admitiu que um eventual resultado da convenção deste fim de semana pelos quatro anos de mandato pudesse caracterizar um rompimento com seu governo. O presidente afirmou que o mandato "não pode ser examinado como uma coisa separada do contexto do processo de democratização, da solução dos problemas econômicos e também do que se refere à estabilidade política".

Segundo Sarney, "o PMDB é participante do governo, responsável pelo processo de transição tanto quanto o presidente da República". Ele acrescentou que o partido deve ser fortalecido, e ter essa linha apoiada pelos convençionalistas. Sarney declarou também que sua expectativa em relação à convenção do partido é que ela atenda ao interesse do País, isto seja, que o PMDB permaneça unido. Quando um repórter lhe perguntou se ele preferia uma decisão já sobre a duração de seu mandato ou a transferência de tal decisão para a Constituinte, ele preferiu responder que deseja uma "convenção brilhante de um partido unido".

Na mesma entrevista, o presidente Sarney recusou-se a admitir que estivesse negociando a aceitação do regime parlamentarista em troca de uma definição da Constituinte pelo fim de cinco anos de mandato: "Jamais poderia fazer qualquer tipo de acordo que pudesse parecer à Nação que estamos, de qualquer maneira, barganhando qualquer coisa", disse. O presidente insistiu muito na tese da

união do PMDB e explicou que, se unido, "o PMDB pode reforçar o presidente da República nessa grande marcha que todos estamos empreendendo, para realizar o processo de transição democrática num clima de absoluta tranquilidade".

Na Base Aérea de Brasília, foram receber o presidente o multipresidente de Constituinte, Câmara PMDB, Ulysses Guimarães (despedindo-se ali pela sétima vez da quarta presidência), um grande grupo de ministros, auxiliares de escalões mais baixos e políticos, entre eles o líder do governo na Câmara, deputado Carlos Sant'Anna. Um dos políticos da comitiva presidencial, o deputado Paulo Mincarone, contou aos repórteres que, numa rápida reunião na Base Aérea, Sarney foi informado sobre a estratégia a ser adotada pelo grupo que o apóia: primeiro, será feita uma votação para definir o voto a descoberto. Se essa prévia for aprovada, espera-se uma maioria de 200 votos para a tese dos cinco anos.

PÉ NO RÁDIO

O presidente José Sarney, falando da Argentina, alertou ontem os convençionalistas peemedebistas para o fato de que tem sido "leal ao partido e a seu programa". "E eu espero que o partido de que sou presidente de honra corresponda a essa lealdade e confirme o apoio à nossa luta para ajustar a economia, tirar o Brasil da crise, realizar o bem-estar social, consolidar a transição democrática" — destacou o presidente em seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio". Sarney falou também de sua meta com o presidente argentino, Raúl Alfonsín, de "libertar a América Latina de todas as dependências". Ele acredita que o sucesso dos dois países é atingido com uma arma: a da democracia. (Brasília/Agência Estado)

rompimento

"Tenho sido leal"

Esta é a íntegra do programa do presidente Sarney, "Conversa ao Pé do Rádio":

Brasileiras e brasileiros, bom-dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, sexta-feira, dia 17 de julho. Falo da Argentina onde me encontro como presidente do Brasil, para dar continuidade ao nosso relacionamento com esse país irmão.

Estou aqui com o presidente Alfonsín dando andamento aos entendimentos entre nossos países. Este é um momento histórico porque, com esta iniciativa de aproximação com a Argentina e o Uruguai, acabamos a rivalidade Argentina/Brasil. E hoje, juntos, comungamos forças para crescer juntos em favor dos nossos povos.

Estamos, neste instante, avaliando o andamento dos acordos que fizemos há cerca de dois anos. Podemos dizer que todos vão bem. Duplicamos o comércio, consolidamos a nossa amizade e os nossos objetivos. É evidente que os nossos países estão enfrentando os mesmos tipos de dificuldades. Estamos lutando para superá-las.

As dificuldades econômicas, oriundas de uma inflação renitente, recessão, desintegração política, enfim, tudo que agrava o processo de desenvolvimento, complicado ainda mais com a dívida externa e provocando problemas de ordem social por sua vez, fazem o sofrimento do povo e do povo ao povo uma sensação de culpa do governo.

E nesse instante aparecem os aproveitadores de toda a crise. Mas tanto a Argentina como o Brasil estão vencendo todo o tipo de problema e a compreensão de muitas lideranças imediatistas, que não estão olhando o futuro e analisando bem o nosso presente. E essa vitória dos nossos dois países está sendo alcançada com uma arma que é a arma da democracia. A arma da liberdade, da determinação e da coragem.

Devo dizer que o presidente do Brasil tem recebido pelos argentinos com o maior carinho e com o maior entusiasmo numa demonstração de amizade ao povo brasileiro e ao nosso Brasil.

Todos sabem que a nossa meta, a meta que eu tenho, a minha e do presidente Alfonsín, é libertar a América Latina de todas as dependências. Agora, notícias sobre o Brasil. Com alegria,

quando embarquei, anunciei que a inflação, depois do novo Plano Cruzado, entre 15 de junho e 15 de julho, foi de 3,01%. Temos essa grande notícia a dar ao povo brasileiro. Derrubamos a inflação da ordem de 25% para 3%. É uma vitória.

Os índices também que nos apontam, nos dizem que nós estamos caminhando firmemente no caminho da estabilização econômica. O desemprego parou e as vendas subiram 23%. A economia está voltando à normalidade. Estamos atravessando a tempestade. A sensação de todos nós é de que nós estamos saindo da crise. O Brasil volta ao seu caminho de normalidade, de estabilização. Mas eu não quero tocar trombetas nem anunciar milagres. Nossa experiência, nossas dificuldades, tudo o que nós passamos nestes meses, nos obrigam à prudência. Vamos ser cuidadosos, porque ainda temos muitas lutas pela frente. Mas, como eu tenho dito, nesse tempo todo, neste programa, nós venceremos.

Outro assunto. Eu assinei esta semana a lei que isenta do IPI os táxis. Esta lei beneficia também os parapaléticos e as cooperativas de motoristas. Atendemos, assim, esta classe de trabalhadores no volante, classe que tanto trabalha, dia e noite, na cidade e nas estradas pelo progresso do nosso país. Em todas as medidas tomadas pelo governo ao longo desses ajustamentos econômicos, nós temos evitado atingir mais os taxistas. Temos procurado livrar os taxistas pelo apreço que tenho por essa classe.

Para terminar, um assunto de ordem política. Uma palavra aos convençionalistas do PMDB que estão reunidos em convenção neste fim de semana. O que tenho a dizer é que tenho sido leal ao partido e a seu programa. E eu espero que o partido de que sou presidente de honra corresponda a essa lealdade e confirme o apoio à nossa luta para ajustar a economia, tirar o Brasil da crise, realizar o bem-estar social, consolidar a transição democrática que é a nossa grande luta e a nossa grande meta.

Finalmente, aqui da Argentina, com o pensamento no Brasil, nas brasileiras e nos brasileiros, a minha sempre mensagem de otimismo: não desanimem estamos vencendo e vamos vencer. Obrigado e Bom Dia".